

Luz da lua: uma análise da moda conceitual a partir de uma perspectiva tecnológica

Luz da lua: an analysis of conceptual fashion from a technological perspective

Marcelo Henrique Nascimento Almeida

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil E-mail:
marcelohenri997@gmail.com

Lorena Claudia de Souza Moreira

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil E-mail: lorenasm@ufba.br

Patrícia Marins Farias

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil E-mail:
patimfarias@gmail.com

Número da sessão temática da submissão – [03]

Resumo

A moda conceitual pode ser compreendida como um campo interdisciplinar que integra linguagem visual, processos criativos e inovação tecnológica. Este artigo analisa o traje *Luz da Lua*, criado para a candidatura da *Miss Bahia*, destacando o uso de dispositivos tecnológicos reutilizáveis e a interação entre moda e tecnologia no processo criativo. A partir de revisão de literatura e estudo de caso, o presente trabalho foi inspirado na onça-preta. O traje utiliza materiais de reuso e fitas de *Light Emitting Diode* (LED), promovendo uma narrativa visual que une corpo e simbolismo. A análise do desenvolvimento e execução revela práticas ligadas à tecnologia social, posicionando o vestuário como meio de expressão e reflexão. O estudo evidencia que a articulação entre elementos materiais e simbólicos possibilita a elaboração de propostas que apresentam inovação e menor impacto ambiental, demonstrando que a moda conceitual amplia o sentido do vestir, articulando identidade, tecnologia e discurso.

Palavras-chave: moda conceitual, tecnologia, expressão visual

Abstract

Conceptual fashion can be understood as an interdisciplinary field that integrates visual language, creative processes, and technological innovation. This article analyzes the garment Luz da Lua, created for the Miss Bahia candidacy, highlighting the use of reusable technological devices and the interaction between fashion and technology in the creative process. Based on a literature review and a case study, the present work was inspired by the black jaguar. The garment incorporates reused materials and Light Emitting Diode (LED) strips, promoting a visual narrative that connects the body and symbolism. The analysis of its development and execution reveals practices associated with social technology, positioning clothing as a medium of expression and reflection. The study demonstrates that the articulation between material and symbolic elements enables the development of proposals that

present innovation and reduced environmental impact, showing that conceptual fashion expands the meaning of dressing by integrating identity, technology, and discourse.

Keywords: *conceptual fashion, technology, visual expression*

1. Introdução

A moda, enquanto manifestação revela costumes, modos e personalidades de um povo. Transcende suas origens identitárias, novas linguagens e possibilidades de se comunicar através da indumentária. Garcia e Miranda (2010, p.18) conceituam moda como:

[...] o conjunto atualizável dos modos de visibilidade que os seres humanos assumem em seu vestir com o intuito de gerenciar a aparência, mantendo-a ou alterando-a por meio de seus próprios corpos, dos adornos adicionados a eles e da atitude que integra ambos pela gestualidade, de forma a produzir sentidos e assim interagir com o outro.

A moda envolve um conjunto de escolhas relacionadas ao que vestir, para que finalidade e para quem, configurando-se como parte de um processo de construção de identidade. O vestuário funciona como meio de expressão individual em contextos sociais, onde peças escolhidas comunicam significados e integram um sistema simbólico de representação. A forma como cada indivíduo organiza seu vestuário reflete em modos de inserção social e estratégias de posicionamento diante dos outros. Nesse sentido, os produtos de moda deixam de apresentar apenas função utilitária e passam a representar expressões simbólicas da identidade de quem os utiliza.

Sob outra perspectiva, a análise teórica do campo da moda evidencia sua relação com transformações culturais, técnicas e sociais. O surgimento das primeiras práticas de vestimenta, inicialmente vinculadas à proteção, ao auxílio na caça e ao adorno, estabelece as bases para um processo contínuo que acompanha o desenvolvimento das civilizações. Inserido neste contexto, Acom e Moraes (2021) apontam que o primitivismo define as primeiras relações do ser humano com o ato de vestir, enquanto o avanço técnico institui as revoluções industriais e consolida o sistema da moda, marcado por transformações nas roupas e adereços. Segundo os autores, “parece estranho exibir a história da civilização em algumas linhas, mas isso é caro para pensarmos a história humana como vestida” (Acom e Moraes, 2021, p.221).

O estudo da moda, portanto, assume caráter interdisciplinar, sendo abordado por diferentes áreas do conhecimento. A relação entre sujeito, espaço e tempo revela transformações impulsionadas tanto pela produção de artefatos quanto pela incorporação de mídias e tecnologias. Esses elementos, ainda que inseridos em estruturas de controle, contribuem para a configuração de novas formas de interação e organização social. Neste sentido, busca-se compreender a integração da tecnologia como um elemento complementar no universo da moda, especialmente no âmbito da moda conceitual. Um exemplo

representativo de moda conceitual aplicada à tecnologia é apresentado por Jacobi e Geraldo (2020), que investigam o processo de criação de uma jaqueta desenvolvida a partir da colaboração entre a Philips e a Levi Strauss, na década de 1990, incorporando dispositivos tecnológicos em um único sistema.

Nessa mesma perspectiva, o presente estudo amplia a discussão sobre a relação entre moda e tecnologia e apresenta, como objetivo geral, analisar, no processo de criação da indumentária, a aplicação de dispositivos tecnológicos reutilizáveis no traje *Luz da Lua*. A pesquisa adota uma abordagem que vai além do uso de recursos tecnológicos, buscando compreender de que maneira a proposta se articula com as práticas de consumo consciente no âmbito da produção de moda.

2. Fundamentação Teórica: fundamentos, processos e tecnologia da moda conceitual

A moda conceitual configura-se como uma forma de comunicação utilizada pelos designers, para expressar sua criatividade, a partir de um conceito previamente proposto. É apresentada ao público cercada de grandes produções: cenários vultosos, iluminações estratégicas, sonoplastia de efeito, maquiagens e cabelos que reforçam o conceito. No entendimento de Ruiz (2007) sobre a moda conceitual, o indivíduo pode-se valer da experiência do campo das artes, que, aliás, mantêm relações bastante estreitas com a moda em questão. Para a autora, o impacto emocional é provocado a partir da expressividade e não pela utilização ou não das peças daquela forma ou ocasião de uso, ou seja, a mensagem não é passada pela funcionalidade (Ruiz, 2007). Por outro lado, Paulo Victorino (2005) no contexto da arte conceitual, compreende que a ênfase recai sobre a ideia que fundamenta a criação, mais do que sobre o produto em si. Assim, não há compromisso com a elaboração de composições esteticamente agradáveis, sendo possível utilizar imagens comuns ou triviais como estratégia para provocar reflexão sobre a superficialidade presente no olhar de quem observa.

A partir das ideias apresentadas, compreende-se que, na criação conceitual, o foco principal está na mensagem transmitida e não na estética tradicional ou na funcionalidade da peça. A produção, portanto, não se compromete necessariamente com padrões visuais agradáveis ou com a utilidade prática do objeto, mas busca provocar reflexão por meio de elementos simbólicos e expressivos. Desse modo, a peça atua como um meio de comunicação crítica, cuja potência está na ideia representada e no impacto que produz, e não em sua aplicação cotidiana ou conforto. Assim, o valor da criação conceitual está vinculado à sua capacidade de suscitar interpretações e questionamentos, deslocando a atenção do uso para o conteúdo conceitual que a constitui. Dando continuidade aos aspectos abordados, Lipovetsky (2006) distingue a moda moderna em duas fases, denominadas moda de cem anos e moda aberta. Essa classificação decorre da estabilidade do sistema até a década de 1960, momento em que a moda passa a se transformar em resposta aos impactos sociais e culturais. De forma sintética, o autor destaca que a moda deixou de ser um sistema estático e exclusivo para se tornar um campo aberto, plural e dinâmico, refletindo transformações na sociedade, como o fortalecimento da busca por individualidade, a ruptura das barreiras de classe e a valorização da diversidade.

Da metade do século XIX até a década de 1960, momento, com efeito, em que o sistema começa a fender-se e a readaptar-se parcialmente, a moda vai repousar sobre uma organização a tal ponto estável que é legítimo falar de uma moda de cem anos, primeira fase da história da moda moderna (Lipovetsky, 2006, p. 69).

A tecnologia tem acompanhado o desenvolvimento das atividades humanas como elemento fundamental na evolução das práticas sociais e produtivas. Nesse contexto, a Revolução Industrial é considerada um marco no processo de transformação das relações humanas, produtivas e sociais. Conforme afirmam Acom e Moraes (2021, p. 229) “a Revolução Industrial pode ser entendida como a própria evolução humana”, uma vez que redefine modos de vida, organização do trabalho e formas de expressão, incorporando o vestuário como linguagem social. Ainda segundo os autores, a Segunda Revolução Industrial, ocorrida entre o final do século XIX e o início do século XX, marca a transição para os novos processos manufatureiros, caracterizados pela substituição dos métodos artesanais pela produção mecanizada e pelo uso de novas fontes de energia, o que possibilitou a fabricação de artefatos em maior escala. Nesse contexto, reafirma-se a presença constante da relação homem-artefato na operação de ferramentas e na produção de objetos.

Apesar da introdução constante de novas tecnologias ao longo do tempo, sua aplicação ainda é objeto de controvérsias. Rodrigues, Nakad, Mastrangelli (2019) observam que esse sistema produtivo não deixa tempo hábil para a realização de uma elaboração adequada e com maestria na fabricação das peças, podendo ter um desempenho insuficiente, e assim, prejudicar a qualidade do serviço prestado.

Nesta pesquisa, aponta-se que a moda conceitual pode ser compreendida como uma forma de tecnologia social, ao utilizar processos criativos e produtivos para promover inclusão social, melhor aproveitamento de materiais e transformação cultural. Mais do que a simples criação de vestimentas, a moda assume o papel de ferramenta de impacto social, articulando estética, ética e inovação em prol do desenvolvimento humano. Thomas (2009) define as tecnologias sociais como formas de criar, desenvolver, implementar e administrar tecnologias voltadas à resolução de problemas sociais e ambientais, gerando dinâmicas de inclusão e desenvolvimento com maior eficiência ambiental. O autor amplia o conceito de tecnologia ao incluir ferramentas, métodos e arranjos organizacionais, permitindo compreender a moda como um campo fértil para o desenvolvimento de práticas tecnológicas voltadas à transformação social e à valorização de saberes locais.

Conforme Silveira e Almeida (2019), o desenvolvimento de produtos de moda conceitual é pautado em um processo metodológico caracterizado por maior flexibilidade. No que tange às etapas de pesquisa, trata-se de um percurso que envolve uma subjetividade em que o ponto de partida pode ser compreendido como a ideia, a criatividade e o conceito que se pretende explorar por meio do objeto da moda. Ainda que não haja uma delimitação rígida das etapas, o processo criativo na moda conceitual organiza-se em três macro etapas: a ideia, a concepção e a execução. Dessa forma, a moda conceitual estabelece-se como uma estratégia de construção de sentido que ultrapassa a função utilitária do vestuário. Ao priorizar o conceito em detrimento da funcionalidade, essa abordagem desloca o foco da materialidade da peça para a mensagem que esta comunica, articulando elementos visuais, sonoros e performáticos como componentes de um sistema comunicacional mais abrangente. Nesse contexto, a moda deixa de operar exclusivamente como expressão de tendências de

consumo e passa a integrar uma lógica discursiva fundamentada em linguagem, expressão e interpretação simbólica.

3. Metodologia

Este estudo tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica e o processo aplicado à construção do traje *Luz da Lua*, considerando a abordagem que orientou a elaboração das etapas para o desenvolvimento de bens de moda. Para Lakatos (2003), o método científico é composto por etapas como observação, formulação de hipóteses, experimentação, indução de leis e construção de teorias, além de empregar processos de análise, comparação, síntese, dedução e indução, comuns a toda investigação científica. Segundo a autora, a pesquisa bibliográfica envolve o levantamento e a análise de obras já publicadas relacionadas ao tema de estudo como livros, artigos, teses, monografias, jornais, revistas e materiais audiovisuais.

Segundo Ramos, Vosgerau e Romanowski (2014, p. 7), a revisão bibliográfica tem como finalidades principais contextualizar o problema de pesquisa e identificar as contribuições disponíveis na literatura que sustentam a construção do referencial teórico, conforme também aponta Alves-Mazzotti (2002). Para isso, utiliza-se o referencial teórico de Silveira e Almeida (2019), que definem as etapas do processo criativo na moda conceitual já citadas como fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, contribui para a delimitação de lacunas, a definição de caminhos metodológicos e o fortalecimento da justificativa da pesquisa. Como complemento ao delineamento metodológico, será utilizada a pesquisa exploratória. Para contextualizar o processo aplicado à construção de moda conceitual, serão apresentadas as etapas referentes ao desenvolvimento de objetos de estudo dessa natureza, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1: Etapas para o desenvolvimento de bens de moda conceitual

MACRO ETAPA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Ideia	Definição do conceito que o objeto da moda a ser criado deverá estar pautado. Estes conceitos podem ter relação com aspectos sociais, culturais e temporais.
Concepção	São gerados esboços que mapeiam o caminho a ser percorrido pelo <i>designer</i> , dando visualidade ao conceito. Estudo de formas e cores.
Execução	Experimentação de materiais e técnicas construtivas para dar tridimensionalidade aos espaços gerados. Estudo volumétrico e de materiais.

Fonte: Silveira; Almeida (2019)

Na etapa da ideia, serão avaliados o conceito central e as intenções que fundamentaram o desenvolvimento do traje, buscando compreender como a proposta inicial provoca reflexão e estimula sentidos por meio da comunicação visual. A etapa da concepção abordará as escolhas dos materiais, formas, cores e tecnologias aplicadas, evidenciando como esses elementos traduziram o conceito em aspectos concretos que sustentam a expressividade do objeto. Por fim, a execução será apresentada a partir do processo técnico de construção do traje, incluindo a integração dos dispositivos tecnológicos e os materiais utilizados, com foco na produção do impacto emocional e na articulação da mensagem transmitida.

4. Caracterização do Objeto de Pesquisa

O traje foi desenvolvido para a *Miss Caroline Muniz*, representante do Estado da Bahia no concurso *Miss Brasil Supranational 2025*. O evento ocorreu entre os dias 01 e 04 de abril de 2025 e, conforme o regulamento uma das etapas previstas foi o desfile cultural, no qual as candidatas apresentaram um traje típico orientado pelo tema “A Fauna Brasileira”. Durante a construção do traje *Luz da Lua*, foi necessário compreender que o resultado deveria se enquadrar no segmento da moda conceitual, partindo de referências folclóricas inseridas na linguagem cultural brasileira e alinhadas à temática proposta pelo concurso. A pesquisa sobre a fauna nacional, seguiu as premissas de Wallauer (2000) que relaciona o termo fauna com o conjunto de animais de uma determinada região ou período geológico. A Lei 5.197, de 3 de janeiro de 1967, conhecida como Lei de Proteção à Fauna, estabelece que a fauna silvestre é constituída pelos animais de qualquer espécie, em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem, naturalmente, fora do cativeiro.

Inicialmente, foram idealizadas três possibilidades de representação animal: a borboleta *Monarca-do-sul*, o boto-cor-de-rosa e a onça preta. Cada uma delas foi analisada quanto ao seu potencial simbólico, força imagética, viabilidade estética e capacidade de transposição para a linguagem do traje. A seleção final não se restringiu à percepção particular do designer, mas também mediante processo colaborativo com a candidata (Miss) e sua coordenação. Foram considerados critérios como coerência com a identidade da participante, impacto visual em passarela e potência simbólica da representação. Nesse contexto, a onça preta foi escolhida por reunir força estética e intensidade comunicacional, atributos capazes de estabelecer conexão direta com o público. O *moodboard* de idealização do traje *Luz da Lua*, foi elaborado para sintetizar visualmente os elementos conceituais e estéticos que orientam a proposta criativa (Figura 1).



Figura 1: *Moodboard* de Idealização. Fonte: Autores (2026)

A partir dessa descrição, e considerando os aspectos de design sob a perspectiva da moda conceitual, definiu-se a escolha de um símbolo: a onça-preta (animal associado a narrativas simbólicas presentes na licença poética da cultura e da história nacional). Conforme Mesiano (2001) a *Panthera onca*, conhecida no Brasil como onça preta, é o terceiro maior felino do planeta, depois do tigre e do leão, e o maior do continente americano. Um animal adulto pode medir de 110,5 a 175,4 cm de comprimento. Seu corpo é robusto, compacto e musculoso, assim como suas pernas são fortes com patas bem grandes. Tem um focinho relativamente pequeno e uma cabeça grande e larga. No contexto do folclore brasileiro, a onça-preta, também denominada onça-melânica, é frequentemente vinculada à floresta e aos elementos da natureza. Sua representação assume a função simbólica de guardião dos territórios naturais. A figura da onça integra diversas narrativas orais e relatos populares, com variações conforme as especificidades regionais presentes no território brasileiro.

Com base na concepção desenvolvida a partir dos estudos apresentados, foi atribuído ao traje a designação “*Luz da Lua*”. A escolha do título relaciona-se aos elementos empregados na confecção, considerando o uso de pedrarias e dispositivos de iluminação por LED, cuja função é emitir luz sobre a *Miss* e o ambiente ao seu redor. O traje contou com dois adereços alegóricos principais. O primeiro foi o adereço de cabeça (Figura 2), que foi produzido por meio da técnica de *papercraft*, baseada na modelagem tridimensional em papel. A estrutura apresentou destaque visual de *fio de fada* na região correspondente aos olhos, por meio do uso de fita de LED, o que reforçou a expressividade simbólica do elemento representado. O *fio de fada*, segundo Westwing (2025), também conhecido como luz de fada ou cordão de luz é composto por uma série de pequenas luzes LED conectadas por um fio de cobre fino e flexível revestido. Essas luzes são discretas e, frequentemente, se assemelham a pequenas gotas de luz. O *fio de fada* empregado no sistema possuía compartimento integrado para inserção de pilhas do tipo AAA, o que permitia portabilidade e autonomia de operação. O dispositivo emitia iluminação na faixa de branco quente e apresentava grau de proteção, IP65, conferindo resistência à poeira e à umidade. O conjunto era composto por 50 LEDs distribuídos ao longo do condutor. A confecção do adereço de cabeça foi realizada em um período de cinco dias, com aplicação de cola quente sobre toda a superfície esférica, seguida de pigmentação com tinta em spray, na cor preta, e inserção de pedrarias.



Figura 2: Esboço de adereço de cabeça do traje *Luz da Lua*. Fonte: Arquivo de um dos autores (2026).

O segundo adereço foi o adereço de costas (Figura 3), confeccionado com isopor (poliestireno expandido), espuma e acetato, e finalizado com fita de LED *house*, material usualmente aplicado em sistemas de iluminação residencial, aqui adaptado como

componente decorativo do traje. A fita LED utilizada no traje, na cor amarela, com 1 cm de espessura e 5 metros de comprimento, foi aplicada com ângulo de abertura de 120 graus. As especificações técnicas do sistema de iluminação utilizado são as seguintes: 1) potência de 18W por metro, 2) densidade de 240 LEDs por metro, 3) tensão nominal de 12 V. O traje foi projetado de forma que garantisse autonomia operacional de aproximadamente uma hora. A alimentação elétrica foi realizada por meio de bateria portátil, acoplada à base do adereço. Utilizou-se uma bateria recarregável, apresentando tensão nominal de 12V, capacidade entre 1,3 Ah e 2,0 Ah (1300-2000 mAh) e massa aproximada entre 0,2kg e 0,3kg, assegurando leveza e viabilidade ergonômica ao conjunto.



Figura 3: Esboço de adereço de costa do Traje *Luz da Lua*. Fonte: Arquivo de um dos autores (2026).

Em virtude desse cenário, propõe-se a análise da aplicação de dispositivos reutilizáveis tecnológicos no traje *Luz da Lua*. Considera-se, nesse contexto, a viabilidade da incorporação de instrumentos tecnológicos em trajes conceituais como dispositivos emissores de luz capazes de produzir efeitos estéticos específicos. Tal junção apresenta questionamentos sobre os limites e as possibilidades da tecnologia como elemento estruturante na construção simbólica e visual da moda.

5. Análise de resultados e discussão

A aplicação de dispositivos reutilizáveis tecnológicos no traje *Luz da Lua* revelou a possibilidade de ampliar a função comunicativa do vestuário. Os fios de LED, alimentados por fonte portátil, foram utilizados como elemento de linguagem visual, articulando luz e movimento como extensões da proposta desse recurso que não se limita à estética, mas propõe uma interação sensorial entre o traje e o ambiente.

Ao considerar os princípios da moda conceitual, observou-se que o traje não busca atender a critérios de funcionalidade ou uso cotidiano, mas sim expressar uma ideia central, no caso, a representação da Miss Bahia na tarefa do traje artístico, com o tema fauna brasileira e a fusão entre corpo, luz e presença no ato de apresentação. Esse direcionamento confirma a abordagem em que a mensagem se sobrepõe à utilidade, característica comum à tecnologia aplicada à moda conceitual. No que diz respeito ao consumo consciente, a escolha por dispositivos reutilizáveis e fontes de energia de baixo impacto indicou uma preocupação com o melhor aproveitamento dos materiais, alinhando o projeto a práticas que integram inovação tecnológica e responsabilidade ambiental.

No que se refere ao “impacto emocional da peça”, a expressão não está vinculada a métricas quantitativas, mas à dimensão simbólica e cultural incorporada ao traje. A onça preta, ocupa no imaginário brasileiro, um lugar de imponência, força e beleza singular. Sendo reconhecida como um dos símbolos mais marcantes da fauna nacional. Essa carga simbólica foi transposta para o traje por meio da estética, da silhueta e da construção visual, buscando traduzir sua presença magnética e seu caráter enigmático. O impacto emocional, portanto, manifestou-se na capacidade do público de reconhecer, identificar e interpretar o animal representado pela Miss. Mesmo diante da elaboração criativa e do uso de recursos tecnológicos. A conexão estabelecida ocorreu no momento em que a sociedade percebeu, para além da fantasia, a representação simbólica da onça despertando admiração, pertencimento e leitura imediata da referência cultural proposta.

Quanto à seleção de materiais de baixo impacto ambiental, ressalta-se que a proposta do traje priorizou o reaproveitamento e a otimização de insumos disponíveis. O uso do isopor, embora não seja um material ambientalmente ideal sob a perspectiva de biodegradabilidade, ocorreu em caráter de reaproveitamento. Dessa forma, a estratégia adotada concentrou-se na lógica de reutilização e extensão do ciclo de vida do material, e não na utilização exclusiva de matérias-primas ambientalmente certificadas. Reconhece-se, portanto, o limite da abordagem, compreendendo que a sustentabilidade, neste projeto, foi aplicada de forma parcial e contextual, dentro das condições materiais disponíveis. A análise do traje *Luz da Lua* evidencia como a tecnologia pode ser incorporada à moda não apenas como adorno, mas como componente ativo de uma proposta conceitual. Ao integrar dispositivos tecnológicos reutilizáveis e de baixo impacto, o projeto se aproxima dos princípios da tecnologia social, ao propor soluções acessíveis, com a finalidade de representatividade cultural e histórica. Nesse sentido, o vestuário deixa de ser apenas um suporte estético e passa a funcionar como meio de expressão, de questionamento e de sensibilização sobre práticas sustentáveis e sobre a relação entre corpo, ambiente e inovação. O traje também representa a sensibilização sobre a continuidade da espécie e a proteção à natureza, uma vez que a onça preta está ameaçada de extinção.

A seguir, na Figura 4, apresentam-se imagens dos dois adereços alegóricos que incorporam dispositivos tecnológicos. À esquerda, os adereços com as luzes de LED desligadas; à direita, os mesmos adereços com as luzes de LED acionadas.



Figura 4: Aplicação do dispositivo tecnológico nos adereços alegóricos. Fonte: Arquivo de um dos autores (2026).

6. Aplicação técnica – moda conceitual no traje Luz da Lua

Para esclarecer o processo de elaboração do traje *Luz da Lua*, considera-se as premissas apresentadas no Quadro 1, anteriormente citado, que destaca que a criação da moda conceitual se desenvolve em macro etapas, que são: a ideia, a concepção e a execução. A seguir, apresenta-se a aplicação desse método no desenvolvimento do traje, Quadro 2.

Quadro 2- Aplicação das macro etapas no traje Luz da Lua

MACRO ETAPA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Ideia	O conceito do traje parte da ideia de realeza, em referência à posição que a onça-preta ocupa no topo da cadeia alimentar, representando uma figura de domínio, força e resistência. O traje propõe uma reflexão simbólica sobre essas características, articulando poder, presença e identidade por meio da representação visual do animal.
Concepção	Para a concepção do traje, considerou-se a estrutura corporal da candidata à Miss Bahia, levando em conta a sua altura, medidas e tonalidade de pele, bem como as características da onça. A partir dessa análise, chegou-se à definição do traje: macacão preto com transparência e acabamento em pedrarias, uma ombreira com dentes de onça, adereço de cabeça com representação tridimensional da cabeça da onça e costeiro em formato circular.
Execução	Para a execução do traje, o macacão preto com transparência foi confeccionado em tule com poliamida e acabamento em pedrarias, utilizando pedras conhecidas como ponto de luz. Nos ombros, foi estruturada uma ombreira confeccionada em <i>biscuit</i> na cor branco, moldada em formato de dentes, com a finalidade de representar os felinos. O adereço de cabeça, com a representação da cabeça da onça, foi produzido com papel e cola quente por meio da técnica de <i>papercraft</i> , incorporando o “fio de fada” na região dos olhos, e finalizado com tinta spray preta. O costeiro, em formato circular, foi confeccionado em isopor e espuma, pigmentado com spray na cor preta e verniz, com acabamento em acetato dourado e com fita de LED <i>house</i> .

Fonte: Autores

O traje *Luz da Lua* (Figura 5) utilizado pela Miss Bahia, evidencia a materialização dos elementos conceituais e técnicos descritos ao longo deste trabalho. A imagem ilustra cada etapa de construção, incluindo a concepção estética, a escolha dos materiais e a execução dos adereços com o uso de tecnologias reutilizáveis.

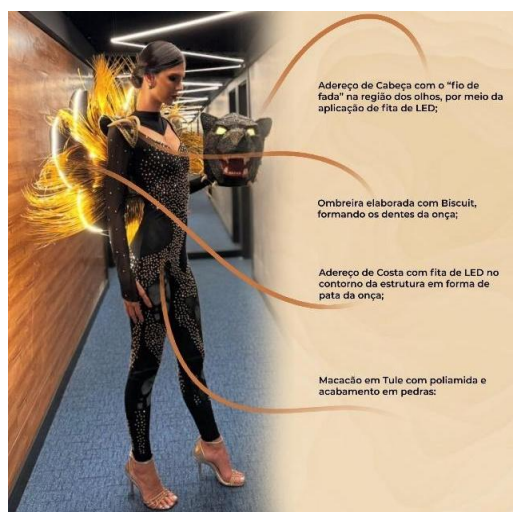


Figura 5: Traje Luz da Lua, ato final. Fonte: Arquivo de um dos autores (2026).

O traje e adereços confirmam a proposta de integrar moda, reuso de materiais e inovação tecnológica. O traje apresentado neste trabalho reforça a relação entre o planejamento e o seu material, destacando como os princípios da moda conceitual e da tecnologia social foram incorporados no processo criativo.

7. Conclusão

A pesquisa desenvolvida em torno do traje *Luz da Lua* permitiu compreender como a moda conceitual pode se tornar um espaço com potencial para a experimentação tecnológica. A incorporação de dispositivos reutilizáveis e o uso de materiais alternativos, revelou-se eficaz não apenas como elemento estético, mas como componente ativo da narrativa visual, reforçando a ideia central do traje.

A análise demonstrou que a moda conceitual, ao priorizar a ideia sobre a função prática do vestuário, se constitui como uma linguagem capaz de provocar reflexão, estimular sentidos e gerar impacto emocional. O traje *Luz da Lua* ilustra como o vestuário pode transcender sua dimensão utilitária e assumir o papel de comunicação crítica, ao integrar corpo, movimento, dispositivos lumínicos e simbologia em uma performance carregada de sentidos. Além disso, a escolha por materiais reutilizáveis conectou o projeto aos princípios da tecnologia social, entendida como o uso do conhecimento técnico-científico para gerar soluções inclusivas, e voltadas ao bem comum. Nesse contexto, o traje se configura como uma prática inovadora que combina criatividade e consciência ambiental, ao mesmo tempo em que valoriza o repertório cultural brasileiro por meio de símbolos da fauna nacional.

Como contribuição acadêmica e prática, este estudo oferece subsídios para o desenvolvimento de criações em moda conceitual com viés tecnológico, que respeitem princípios de baixo impacto ambiental e que atuem como ferramentas socioculturais, sensoriais e críticas. Desse modo, reafirma-se o potencial da moda como campo multidisciplinar, capaz de promover diálogos entre arte, ciência, cultura e responsabilidade social.

Referências

- ACOM, Ana Carolina; MORAES, Denise Rosana da Silva. *O ser da moda entre corpo e tecnologia: uma fenomenologia do portátil*. **ModaPalavra**, Florianópolis, v. 14, n. 34, p. 216–246, out./dez. 2021.
- ALMEIDA, Marcelo Henrique Nascimento; SILVEIRA, Carina Santos. **Percorso metodológico da moda conceitual: desenvolvimento da coleção Deusas**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia; Centro Universitário Jorge Amado, 2019.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 107-188.

GARCIA, Carla Cristina; MIRANDA, Bianca. **Moda e identidade**: uma leitura semiótica da aparência. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

JACOBI, Pedro R.; GERALDO, Fabiana B. Moda e sustentabilidade: uma leitura crítica das práticas contemporâneas. Revista de **Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 33–49, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MESIANO, Paulo Sérgio Monteiro. **Panthera onca, o maior felino do continente americano**. 2001. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília (UNICEUB), Brasília, 2001.

RODRIGUES, Flávia; NAKAD, Valeska; MASTRANGELLI, Andressa. *A influência da tecnologia no consumo de moda*. In: **COLÓQUIO DE MODA**, 15., UNISINOS, 2019. Evento realizado de 01 a 04 de setembro de 2019. 22 p.

RUIZ, Vânia. **Moda como linguagem**: leituras possíveis. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

THOMAS, H. (2009). **Tecnologias para inclusão social e políticas públicas na América Latina**. Em: A. Otterloo (Ed.), *Tecnologias sociais: Caminhos para a sustentabilidade* (pp. 25-81). Brasília: Rede de Tecnologia Social.

VICTORINO, Paulo. **Arte conceitual**: o conceito além da forma. São Paulo: Perspectiva, 2005.

WALLAUER, Jordan Paulo. **ABC do meio ambiente: fauna brasileira**. Brasília: Edições IBAMA, 2000. 22 p. (Série ABC do Meio Ambiente).

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

WESTWING. O que é fio de fada? Saiba como usar essa iluminação decorativa. Revista **Westwing**, 2025. Disponível em: www.westwing.com.br. Acesso em: 22 jul 2025.